

Aos anarquistas

CAMARADAS:

Neste momento, em que os campos são transformados num incomensurável mar de sangue e os mares se coalham de cadáveres, a organização anarquista é uma necessidade imperiosa, um dever.

Creio que todos camaradas de boa vontade colaborarão nesta obra tão sublime, como é a desconjuração de esforços, de energias.

Em Portugal, nestes últimos anos, consoladoramente o constatamos, o povo trabalhador vai-se compenetrando do seu valor, e as ideias anarquistas desenvolvem-se dia a dia. Ocorre-nos, por consequência, perguntar porque não se unem todos para intensificar a atmosfera de ostilidade e descrença que pelos políticos lavra no meio operário, tornando uma forte corrente, que derruirá o edificio ignobil e pútrido do sistema capitalista.

Vamos seriamente constatar o que tem motivado um tal indifferntismo pela organização das forças anarquistas. Embora nos pese dizel-o, é a verdade, e jamais se deve occultar.

O marasmo, a desunião entre os anarquistas deve-se atribuir á ignorancia dos deveres de solidariedade, que entre nós deve existir.

Camaradas! Esqueçamos ressentimentos e agravos pessoais.

Que todos nos unamos nesta hora tão dolorosa, em que o mundo civilizado não passa de uma enorme enfermaria, cujos doentes enchem os ares com fortes gemidos e se contorcem vitimas de todos os sofrimentos.

Vá, camaradas, um bocadinho de esforço e de boa vontade para bem comum, para a obra de alvação social.

Urge mudar de ritmo, e trabalhamos afincos e sem desfalecimento; concertados, unidos, para não rmos arrastados no abismo Profite que ameaça tragar-nos.

Arremenda catástrofe, que se desencadeou, devido ao egoismo capitalista—a configuração europeia, cujas consequências não podemos conjecturar e deve ser um incentivo para novas lutas; devemos unir fileiras, ativar a propaganda, e não sermos preza de confusão produzida pelas occorrencias, para que—intervindo quando a ocasião se manifestar—saibamos tirar proveito desta grande e horrivel carnificina.

Não pode, nem deve dar-se uma fuga dos nossos povos, porque essa attitude seria covarde, principalmente na ocasião em que se joga a vida e o futuro dos povos.

Devemos lutar para que o facto resplandecente da Revolução Social, dissipe a escuridão tenebrosa em que a sociedade está mergulhada. Mas, enquanto não acerca o final, saibamos ver e encarar a situação, para indicarmos melhoria nas condições económicas, tão míseras já, defendendo-as de toda a ignobeis parasitas, que vez mais estendem as garras que cada vez mais teem os lazenz regurgitando de genitantes é putrefacção, quantilhares e milhares de proletários vivem desesperadamente.

Esta abundancia que apodrece, também devido á má organização da sociedade—não consentir que o individuo se utilize comodamente do que lhe faz falta.

E a avareza dos comerciantes e industriais prefere que os generos apodreçam, a consentir que os alimentos—que os preparam—se utilizem deles no seu devido tempo.

Que cada um tome a serio o papel que lhe compete, neste momento de grande responsabilidade, trabalhando pela junção e fortificação da familia anarquista para

não sermos esmagados pela reacção clerical politica—militarista.

Façamos uma barreira, num amplexo fraternal, nos laços da solidariedade, e lutemos para que amanhã—findo o poderio dos tiranos e ipocritas—cesse a exploração, emudeça o troar do canhão e caiam para sempre as fronteiras malditas, que se erguem alimentando ódios.

Para nós—que compreendemos que se aproxima o momento da burguezia levar um golpe mortal, que não está longe o momento em que o Povo poderá apoderar-se de toda a riqueza social e reduzir a classe dos exploradores á impotencia—para nós, não pode haver hesitações. Lançar-nos-hemos de corpo e alma na Revolução Social, e como um governo—seja qual o bonet com que se cubra—é um obstaculo, reduzil-o-hemos á impotencia e varreremos os ambiciosos, á medida que pretendam impor-se para governarem os nosos destinos.

Basta de governos. Basta de paliativos. Basta de marasmo, para dar lugar á acção, que nos trará a transformação da sociedade, que nos levará á Anarquia.

Portanto, camaradas, se o sois dai d'isso uma prova cabal.

Que não venha a má vontade obstar a realisação completa da nossa obra.

A «União Anarquista Comunistas», organizou-se precisamente, para realizar o que em Portugal não existia:—a união verdadeira dos anarquistas, a perfeita harmonia entre nós, sem o menor pensamento de chefias, de imposições.

E os que teem lealdade, que não hesitem para poderem teem por objetivo

que não possam entraves ao nosso intento.

A' boa vontade da «União», responderão auxiliando-a, lealmente, contrariando assim a vontade dos politicos, da Autoridade. União! Lealdade! Avante pela Revolução Social.

Vila Nova de Gaia

Cezar Domingos d' Almeida

Correspondencia

Matozinhos

Ao iniciar esta correspondencia, saúdo todo os camaradas no Ideal.

Sagrado matrimonio

Sobre promessa testamental ou doação duma officina—como todos os seus pertences e alguns escravos inconscientes, faceis de explorar—realizou o seu casamento com as praxes impostos pela santa madre igreja catolica, apostolica, romana—um tal livre pensador, socio d'um club Jacobino membro do grupo defeza da Republica, admirador de E. Bossi, e secretario da união dos Operarios Manufatores de Calçado, o presidente da segunda série e acerrimo admirador e prapagador «d'Alvorada», sindicalista, militarista, religioso; republicano, monarchico. Satal... tartufo; tanta coisa metida n'uma bota.

A «Comuna Livre» encontra-se á venda em casa do camarada Almeida, na rua Reberto Ivens.

N. R.—Devido á falta de espaço, somos forçados a retirar alguns artigos. Irão sendo publicadoss com a oportunidade e ordem devidas.

Que os colaboradores não vejam na demora um proposito nosso.

Estamos certos que assim faremos os que de boa vontade nos auxiliam.

VICTIMAS

Numa destas noites, á porta dum café, uma criança, magra, esquelética e tiritante de frio sob uns farrápos miseraveia; estendia a mão suplicando uma esmola!

Martirizada pela fome, pelo frio e pelo sono, chorava, enquanto que uma mulher a impeliu violentamente—como imprecações de magéra—para dentro do estabelecimento. A criança voltou—repellido por um creado—sem coisa alguma ter conseguido arranjar. Esperava-a a agressão brutal da mulher, que a sovou com violencia!

A autoridade,—representada por um faminto fardado—assistia insensível a este espectáculo degradante que parecia divertil-o!

¿A quem pedir responsabilidades desta scena tão profundamente imoral? A' mulher, pobre animal inconsciente da maldade que praticava? A ela, a quem o Estado cada dia, nem a instrução que lhe illuminasse o espirito, nem o agasalho material na situação triste e desamparada a que chegou? De modo algum. E' ao meio social todo cheio de injustiças; é a toda essa orgia inconsciente do mando, que caminha aparentemente serena por entre os gritos de odio e de maldição.

Essa criança assim martirizada no limiar da vida, sem ter um exemplo a incita-la e a comovel-la, será mais uma vergonhosa perdida, nesta maldadada luta pelo pão. Está ali em embrião o gatuno, o vadio, o man carater, o frequentador assiduo das cadeias, que são a mais completa escola de perversão e do crime. E é então que a sociedade, hipocritamente em nome da lei, lha dá a responsabilidade de ser

uma creatura, que ella assim creou á sua imagem e similhaça!

Porto. CARLOS DE SOUZA.

Os anarquistas perante a guerra

Longos mezes vão passados, desde que a Europa se acha lançada numa feroz e sangrenta luta; luta sem treguas entre irmãos trabalhadores, apenas separados por falarem outra lingua, por nascerem nesta ou aquela região.

Mas quais os promotores desta orrivel carnificina, que leva a luto a tantos lares, que lança tantas creanças na orfanidade e tantas mães e noivas na miseria, por não terem já o seu unico amparo? Só e unicamente o Capitalismo.

A guerra não é a luta da civilização contra a barbarie, porque seja qual fór o pretexto com que se faça, no fundo não pode haver senão o interesse burguez; disputas de procedencia politica, de tratados comerciais, ou anexação de territorios; quando não é para reduzir «o stoc» dos apetrechos de guerra.

Como se compreende então que por uma coisa que não lhes diz respeito os trabalhadores se lancem numa luta entre si, e que alguns anarquistas nela tomem parte ou a aplaudam? Dizem alguns anarquistas francezes, que tomam parte na guerra porque a França está á frente do progresso e que deixal-a desmembrar seria permitir um retrocesso.

Esta afirmação é tão banal como ilogica, porque a experiencia nos demonstra que venha a autoridade donde vier, quem a suporta é sempre escravo; e que os governos, mesmo os chamados nacionais, não trepidam em nos fuzilar quando á praça publica viermos reclamar mais alguma liberdade ou protestarmos contra a prepotencia.

Dizem também esses mesmos anarquistas que querem esmagar o militarismo alemão, porque depois será facil a revolução social.

Mas não pensam que a dar-se

A causa do crime

Pretensos criminalogistas, lançaram-se a descobrir qual era o factor que dava origem á existencia do crime na sociedade, concluíram por affirmar; apoiados na sua sapiencia criminalista, que não era a depravação moral, nem a miseria existente nessa mesma sociedade as causas do mal, mas sim á perversidade e a baixez de carater de que o individuo é dotado.

Estes doutos, ao examinarem a existencia do factor criminoso na sociedade, erraram fatalmente, porque só o quizeram ver pelo lado da entidade individual, esquecendo-se de o reverem—não sabemos se por conveniencia ou estupidez—pelo lado tragico que o ocasiona.

Ora nós, que não temos interesses comestinhos, nem comodismos mesquinhos, mas que só de sejamos fazer luz, e muita Luz, sobre tudo, que concorra para illustrar o povo, vendo as coisas pelo seu verdadeiro lado, vamos tentar responder a estes sabichões burguezes, dizendo qual a causa do crime.

Principiaremos por lhes dizer que examinando cuidadosamente, a personagem individuo; no seu fundo psiquico e fisiologico, não encontramos nele propensões, para a perversidade nem para a depravação, que o tentam arrastar para o omicidio; antes pelo contrario nele vemos instintos sociaveis, que lhe dão a tendencia para a belleza e para a perfeição. E mal ia a sociedade, se ella fosse por natureza ante-social, porque então teria sido impossivel chegar-se á perfeição mecanica e científica em que nos encontramos; e os asuntos e facinoras da sociedade burgueza não poderiam ter tido um paciente e bondoso que resamente lhe obedece, executando os penosos trabalhos que esta sociedade injustamente enriquece

Não. Não. O mobil do crime na sociedade, não é a consequencia da rapacidade do individuo, mas sim a resultante do meio corrente, onde vegeta.

E senão vejamos:

O individuo ao vir á luz, não traz em si sentimentos depravados nem omicidas. Quando ele os re-

cebe, é logo que começa a entrar no meio social.

A primeira educação que lhe é dada, ainda criança, é na escola para onde vae a fim de elucidar o seu espirito.

Ah! um professor aburguezado, pago pela burguezia, lhe ministra uma educação cheia de preconceitos, ensinando-lhe a religião da Patria, que lhe incute o odio ao seu irmão doutro país; que lhe insuffla o amor aos instrumentos do martirio; á guerra, enfim o amor ao assassinato e o desenvolvimento do odio no coração fragil da criança. Isto na escola laica.

Se é na escola religiosa, essa então, ensina-lhe amar um Deus, a odiar aqueles que não teem a sua crença, a adorar macacos de pau e de barro.

Enfim quer uma ou outra, fazem, que a humanidade se divida em classes. Dominadora e escravizada.

Se então, a criança da escola, já viciada e cheia de credencas e tupidas e despoticas, e já com ensinamentos para o odio, para o crime,

Entra na officina, para onde vae ganhar o sustento. Teem de trabalhar para um patrão, que o explora e rouba, fazendo-a estiolar dentro dessas roças dez e doze horas. Então principia a pensar naquella escravidão, que a tortura intellectual e fisicamente e acaba por se revoltar contra o patrão, que o despade. Vem para a rua, e vendo-se sem pão e desprezado pela torpe sociedade, e como tem necessidades a satisfazer, e não tem pão nem trabalho, acaba por se lançar ao crime.

Quem foi o culpado?

A sociedade nefasta res-

(como nos prova a guerra monstruosa a que assistimos). O Estado que explora, que caustica com leis.

Sars. criminalogistas, eis aqui a origem do crime. Ele só poderá terminar com a transformação da sociedade.

Coimbra.

Frederico G. Jobling.

essa revolução, a democraticada França seria a primeira a pedir o auxilio da barbara Alemanha e da tiranica Russia, para a esmagar. Para provar esta affirmação, veja se o que ella, França, fez na guerra de 70

os obreiros vão a grève geral ou á revolução. Embora o nosso país seja o atacado para mostrarmos o nosso internacionalismo, não nos devemos importar se o governo é portuguez, espanhol ou alemão; a não ser que os anarquistas tenham ainda como alguém disse já, uma costela patriótica.

Mas na impossibilidade de tudo isto, devemos então mantermo-nos neutros na contenda, defendendo apenas a nossa pele.

E já não é pouco. Henrique Fernandes.

EMPIM!...

Ao camarada M. S. Andrade Cadete

Se tudo é senil impróprio dessa éra De medir nos ideais, deve sêr condenado; Por que nos colocalis, o jovens! para o lado Onde móra a opressão e o despotismo impéra?!

P'ra que deixais na trêva o peito mergulhado, E nós eigueis o olhár á rutilante esfêra Das humanas visões... á luz da Primavera, Na esteira do Porvir ha tanto desejado?!

Rapazes, juventude, amigos, onde móra, O heroismo, o vigór da vossa mocidade, Que inda não divisais a redentóra Auróra?!

Tremudo bandeira em frêmitos de guerra... Em lucto e lucto diz:—Pão, Terra e Liberdade! Jovens, nem o chão, vai espedaçar a Terra!...

Porto.

SALVATERRA JUNIOR

11 DE NOVEMBRO

Passados são 28 anos, depois que a grande e liberal América do Norte, assassinou camaradas amados do mesmo Ideal que nos aliena e que nos vivifica.

Não devendo, pois, nós deixar de comemorar este dia, resolvemos dar sessões publicas, que foram também o início de uma campanha contra a carestia da vida e presos por questões sociais—incluindo já, portanto, as prisões efetuadas em S. Pedro da Cova, devido à greve dos mineiros.

No Porto

Abre a sessão o nosso camarada Manuel Torres que depois de explicar quais os fins que nos levaram á realização da reunião, e declarar que igualmente, desde já, se trataria da libertação dos presos por motivo da greve dos mineiros, dá a palavra ao camarada Serafim Lucena que durante 2 horas prendeu a assistência com a sua brilhante conferencia, de que daremos uns leves apontamentos.

Accedendo ao convite que os camaradas da União Anarquista Comunista (Sede do Norte) me fizeram venho resumidamente dizer alguma coisa do que se viu o 11 de Novembro, para os operários.

De ha longo tempo, que os escravizados veem lutando pela sua libertação. Assim foi que na América do Norte, depois de constantes reclamações, foi decretada a lei que estabelecia as 8 horas de trabalho. Lá, como cá, isso não passou de uma burla o que levou o operariado a manifestar-se, esboçando o 1.º de Maio para a paralisação geral do trabalho, dia em que se reuniria e faria as suas reuniões.

A burguezia norte-americana, lealmente alarmada por esta atitude, dispoz-se a combater os trabalhadores, para que não adessessem conquistar o que ancia-am. E, quando seguiam na sua ardida manifestação, surgem-lhes os picartões, sicarios armados, que são como aqui os guardas republicanos, dispostos a fuzilarem quem na sua frente encontrassem.

Este momento, em que o povo se encontrava alarmado e indefezoz, sobenta uma bomba. Então, esses guardas fiéis do capital, na animia de chacinar, fazem fogo, matando 80 e tantos e ferindo 500 operarios. E' certo que, quem lançou essa bomba—como mais tarde se provou, quando já as sentenças estavam praticadas, e remédio não havia para as de pena de morte—foi um agente dos capitalistas, para desnortear o grandioso movimento, e poderem exercer a sua atroz vingança. Assim, foi que prisões a ésmo foram efetuadas, pilhando-se a torto e a djeito, tendo por fim principal agingir as cabeças, que levavam a Luz á escuridão profunda em que estavam mergulhados os escravos. Oito omeis é que eram chamados a darem o seu sangue, para saciarem o ódio, dos que dentro em si só sentem a perversidade, o Mal.

Esses camaradas foram julgados, por omeis sem consciencia, que ao sentarem-se no tribunal já sabiam qual a sentença que deviam aplicar. E sem o menor tremor desempenhando bem o papel de infames, como ainda hoje, infelizmente existem—lavraram a pena de morte para 5, condemnando e os restantes á prisão.

Um d'elles, Alberto Parsons, não se encontrando na ocasião com estes camaradas, veio entregar-se, dizendo que se os outros estavam presos, também com eles se solidarizava, querendo compartilhar da sua sorte.

Foi devido ao sangue de estes martyres que a Ideia libertadora começou mais rapidamente a caminhar.

Para mais vos elucidar, passarei a ler parte dos seus discursos, que perante o tribunal proferiram.

E' só uma pequena parte, pois só um de éles, esteve umas oito oras a falar.

Este que vou apresentar-vos, é o de um tipografo, e que foi capitão durante a revolução para a libertação dos escravos.

Chamava-se ele Alberto Parsons.

—Sou internacional, o meu patriotismo vai mais alem das fronteiras que limitam uma nação; o Mundo é a minha pátria, os omeis meus irmãos. Isso é o que o emblema da Bandeira vermelha significa; el. é o simbolo do trabalho livre, do-trabalho emancipado. Os trabalhadores não tem patria; em toda a parte se veem deserdados, e a América não é uma excepção. Os escravos do salario são instrumentos que os ricos alugam em todos os peizes; em todas as partes são párias sociais sem patria nem lugar ou fogo. Assim como criam todas as riquezas, assim também vencem todas as batalhas, não em proveito, proprio, senão dos seus exploradores.

Esta degradação terá um termo; no futuro só lutarão em defesa propria, trabalhando só para si e não para os outros.

Um outro, carpinteiro é um dos primeiros quimicos norte-americanos, de profundos conhecimentos,

Lingg

Classifica a sua sentença de infame assassinato, e declara preferir a morte, a viver debaixo do jugo de leis tão ipocritas.

Fieldem

Este processo, em todas as suas partes, não é mais do que uma comédia ridicula, e um crime feiramente combinado e preparado pelo ódio.

Considero-me felto ao morrer, sobre tudo se a minha morte pode adiantar um pouco a libertação do venturoso dia em que os trabalhadores estabeleçam a felicidade universal.

Neebe

Eu aceito a minha sentença, por que ensinará aos amigos dos trabalhadores, aos oradores e agitadores, o que é a lei na republicana América e os perigos que correm em.

Não peço mais do que uma coisa, e é: Que me deixeis participar da morte dos meus companheiros. Enforcame com éles.

Minha familia se consolará com a minha morte, enquanto que sabendo que estou em presidio, não poderá esquecer o luto em que fica, com o vosso veredicto.

Agora ter-vos hei também umas cartas dirigidas aos condemnados. A da mãe de Luiz Lingg diz a este:

Eu também, como tu sabes, tenho lutado duramente para ter pão para ti, para tua irmã e para mim mesmo; é tão certo como ainda estar viva—estarei tão orgulhosa de ti, depois da tua morte, como tenho estado durante a tua vida.

Si tu ser melhor, porque se fosse omeis, fazia como tu.

Uma tia de Luis, que não tinha filhos e de quem éle era o favorito, esereveu-lhe:

Querido Luis, Suceda o que succeder, ainda que seja o mais mau, não te mostres fraco ante esses miseraveis.

Carta de Adolfo Fescher ao seu amigo e companheiro João Most:

Querido amigo Most.

Não nos restando mais que seis dias de vida, quero despedir-me de ti.

Tu sabes, pelos jornais, que quatro dos nossos não recus do indulto, o mesmo é dizer a conutação da sentença, e pedem a liberdade ou a morte.

Os governos não nos tem de dar a liberdade; fica pois a morte.

João, tu compreenderás que a recordação de minha querida mulher e de meus pequenos filhos me oprime, com frequencia, o coração; porem longe de mim essa tentação.

A Revolução Social necessita de forças, que a façam marchar, e a nossa nobre causa, a Anarquia, tem necessidade de martyres. Seja pois, assim.

Ao dar a minha vida pela nossa nobre causa, sou feliz.

Quando os pobres mancebos de campo, respondendo ao chamamento dos reis, imperadores e presidentes, veem voluntariamente sacrificar a sua vida sobre o altar da tirania, pela graça de Deus; os combatentes pela verdadeira Liberdade, a Anarquia, não

tem por dever dar a sua vida pelo triunfo dos nossos grandes e nobres principios?

Devemos apresentar-nos ante os nossos inimigos como egoistas, que só defendem um principio, enquanto podem fazel-o sem risco algum?

Não! Jamais!

Demonstremos aos nossos adversários que os anarquistas sabem morrer pelos seus principios; já que tenho sido fiel a éles, serci também com a minha morte. Despeço-me pois de ti.

Continua tão fiel á nossa grande causa como o tens sido sempre, e sustentada levantada a nossa bandeira. Sempre ávante, qualquer que sejam as tempestades que se apresentem e façam o trabalho difficil.

Desejo que tu vivas ainda até aos dias do grande combate.

Ah! E' verdade que eu queria cair nesse combate, á sombra da nossa querida bandeira vermelha; porem isso não pode succeder.

Estou firmemente decidido a morrer, como explorador na vanguarda do combate final.

Assim, saúde!

Viva a Revolução Social!

Viva a Anarquia!

Abraça-te fraternalmente, o teu companheiro.

Adolfo Fescher.

5 de Novembro de 1887.

Eis alguns dos fragmentos que pude colher, ainda quando estavam presos.

Tendo ainda para vos dizer, as palavras que proferiram no patibulo, e que são.

Spies—Saúdo o tempo em que o nosso silencio será mais poderoso do que as nossas vozes, que hoje sufocam a morte.

Fescher—Viva a Anarquia!

E' o momento mais felto da minha vida.

Engel—Hurrah pela Anarquia!

Parsons, cuja agonia foi atroz, não pode falar, porque no momento em que queria fazel-o, o carasco apertou o laço, estrangulando-lhe a voz na garganta.

Estes quatro camaradas foram os que subiram ao patibulo, restando Lingg, que não pôde falar, e preparou um ingrediente, e preparou um ingrediente, que conseguiu espalhar pelos outros, para todos se livrarem de serem enforcados, fazendo saltar as suas prisões. Mas os carcereiros na sua aturada vigilancia, deram por tal, despojando-os do poderoso explosivo, o que frustou as suas intenções. A Lingg, apesar das minuciosas buscas, não o puderam deixar desprovido, por na palma da mão ter escondido o bastante para que o seu intento vingasse. E, quando julgou oportuno o momento, e os guardas á vista longa estavam de pensar em semelhante coisa, num cigarro pôz o que serviu para a sua cabeça se despedaçar. Foi só então, que os seus vigilantes reconheceram a inutilidade dos seus cuidados.

Tambem a companheira de Parsons preparou um liquido venenoso, que esse camarada ingeriu, não produzindo os efeitos desejados, por não estar nas condições devidas; o que o fez sofrer uma agonia atroz, até que passadas horas fa acabar pelas mãos do verdugo.

Aqui está, alguma coisa dita da significação, deste dia, em que a União Anarquista Comunista comemora os martyres de Chicago.

Sim, é certo que caíram, despareceram de entre nós, mas o seu sangue foi como um facho de luz, que atravessando o mar, veio espalhar pela Terra claridade imensa, dar alento e despertar vigor.

Em antes, os italianos, os francezes, principalmente estes que se portavam mais covardemente) e por esses pazfes, quando chamados aos tribunais (negavam o seu ideal. Porém, depois deste involvidavel acontecimento, encorsajaram-se e entraram a trabalhar abertamente e de frente altiva encaram o seu carasco. E a Liberdade avançou muitissimo.

Nem só aos anarquistas competia comemorar esta data. A todos os oprimidos, devia lembrar que foi por eles que uns homens deram a vida. Mas infelizmente assim não acontece. Os arranjos

vergonhosos, ou o desleixo completo pelo que lhes diz respeito, faz arredal-os do verdadeiro caminho.

Já Carvalho e Cunha, que sendo socialista, torna para traz fazendo-se republicano; noutros tempos dizia que era um dever lembrarmos sempre esses apostolos do bem. Esses que, enojados com toda a forma de governo, com todo o reformismo, não só devem ser considerados martyres da classe trabalhadora mas também de um Ideal.

Exposto isto, preciso dizer mais umas palavras.

Foi depois do que relatei, que o Ideal da liberdade mais se resolveu.

O que resta agora fazer?

Que os trabalhadores, finalmente saiam da indolencia em que enterrados estão, e olhem verdadeiramente pela sua cauza, trabalhando pela razão.

Não digo já que imitem os martyres de que vos falei; que façam uma tal abnegação da propria vida. Mas que trabalhem e vejam que a Liberdade só será um facto quando não houver capitalismo, quando a Autoridade, tenha o rolo que tiver, não mais exista. Só então, sim só então, é que não mais haverá a escravidão, não mais haverá miséria, e deixará de imperar o mal, que é a soproima accão dos anarquistas. E estes estão no meio dos trabalhadores, precisamente porque é aí que está a parte laboriosa e digna da sociedade, e de onde hade partir o movimento libertador.

E eu sou anarquista porque? por ver pelo facto, sem ser preciso ir á historia, que os povos, desde que a autoridade existe, não tem, nem podem ter liberdade, felicidade. Sob o regimen republicano sufoca-se como debaixo de outro qualquer.

Não preciso da Historia para saber que os povos vivem esmagados por toda essa enormidade de leis, cerceadoras dos direitos humanos!

A constituição moderna não passa de uma burla com que tentam intrujar-nos. Tanto se vive escravizado na Espanha como na França, Alemanha, Italia, Russia, Portugal, e em toda a parte enfim onde há opressores e oprimidos.

Não precisava que viesse o regimen republicano, para compreender que nos roubariam, nos escarneceriam, que continuariamos a produzir para outros se lo cupietarem; porque sabia que o operario é sempre aprimido pelos politicos, sejam estes ou aqueles. Eu sabia que o capitalista portuguez também não deixaria de exercer a sua accão. E a autoridade seja autocrata, constitucional, ou republicana embora democratica ou social, não passa de autoridade, e portanto agente provocador da desordem, da desarmonia social.

A republica, que é ultimo estado do capital, devia-se lhe agarrar, porque mutuamente se auxiliassem.

Em toda a parte o capitalismo é o mesmo, nindo-se para o seu elevamento á custa do sangue de milhões de seres. A sua sede, a sua fome é de ouro, e procura saciarse pelo esforço do alheio, embora para isso tenha de haver os mais extraordinarios sacrificios.

Na América do Norte, que na sua entrada tem uma estatua enorme representando a Liberdade, morre-se de miseria como nos outros paizes, assassina-se também quem trabalha por essa mesma liberdade.

A liberdade democratica é uma quimera.

Na Suissa os operarios que reclamavam melhoria de situação foram atacados por agentes da ordem burguezia, que os fuzilaram, o mesmo acontecendo aos relojeiros.

Sabendo tudo isto, como não

devia ver que aqui se não fizesse o mesmo, apesar de alardearem que seria um modelo?

Convencido de tudo isto, é que sou anarquista. Olhando para tudo isto, desde o cumprimentar o falar até á apresentação, noto que representa o passado pernicioso, e que devemos fazer derruir, e não fortalecer.

Convencido de que por leis se não remodela a sociedade, vi que enquanto elas subsistirem não se podia estabelecer a Igualdade e Fraternidade.

Os governos, por mais liberais que se digam repito, não são outra coisa, senão opressores, com o fim unico de destruir a Felicidade. Tenhamos em vista, que atravessamos um periodo agudo para os prolétaires, e nesta republica só tem feito para que sejamos amordaçados e cada vez mais roubados nos já desgraçados recursos. E então, para que os famintos não vão buscar o necessario onde está açambarcado, intrujam com determinações que nada resolvem em beneficio do explorado, e fazem cosinhas chamadas economicas, com o que muitos se governaram.

Mas, se o operariado tivesse a compreensão do seu dever, já ha muito que a carestia da vida estava resolvida, o que se torna urgentissimo.

Na França, um periodo houve em que fizeram leis para obstar ao açambarcamento, dos generos de primeira necessidade, chegando a punição até ao enforcamento. Pois só quando o povo viu que tudo isso era um logro, e veio á revolta, é que os detentores se refrearam. Mas, para isso foi preciso assaltarem os estabelecimentos e lançarem os açambarcadores e sua familia pelas janelas.

E o povo matava-os, dizendo

que não mereciam.

Foi só assim.

O que fazem as leis? Nada, absolutamente nada, a não ser o mal o que bem demonstrado está, a travez de séculos.

Aqui mesmo, no Porto, temos um caso bem frisante, de que ditadamente tratamos melhor as questões. Foi o 18 de Setembro do ano passado, em que foi preciso o povo manifestar-se ruidosamente, e ir á rua de S. João atacar os açambarcadores, para que éles, receosos dos seus haveres e da sua vida, baixassem no roubo de que somos victimas. Mas, passado esse momento, o povo descansou e dormiu sobre os louros, o que fez continuar novamente a exploração infame que cada vez mais aumenta.

Com o povo do sul o mesmo se deu por diversas vezes.

Portanto, quem manda a lei ou a accão do povo? Como vedes, a accão do Povo.

A lei é causadora da desordem social. A mim mesmo não é a lei que me impele a trabalhar. Sou levado a fazel-o, senão vinha a apatia e a morte. O que me custa é trabalhar par o meu assim como vosso, senhor: Mas o que faz isto, é a sociedade estar constituída antinaturalmente, pela vossa ignorancia, mas no dia em que os operarios compreendat o seu dever não mais haverá repugnancia pelo trabalho, porque a infamia desaparecerá com o abolimento da divisão de classes, com a não existencia da autoridade, que o mesmo é que dizer com a vitória da Anarquia.

A Anarquia não é uma entidade perversa, peçonhenta, que meta medo. Fizeram d'ela, uma ediondês, espalharam—os ignorantes e os malvados que era o roubo, o assassinato, sendo precisamente isso o que não admite, porque é a Felicidade, o Amor. Disseram que é a desordem: Mas porquê? Porque a chamada ordem é a pros-

O CULTO DO SOL

Toda a sciencia é o desenvolvimento de uma ideia; para que ela se constitua, é mister, que profundamos em motivos e investigações. E mesmo, ainda depois de a termos conhecido ficamos contemplando-a, submergimo-nos em extremos infinitos.

O espirito ante o conhecimento da sciencia, fica sujeito ás alternativas; ora baixando e todas as razões então nos passam como o sonho; porque, o pensamento se bambolea, sem cessar, entre abismo de contemplos e de fenomenos.

Por este facto se demonstra que a razão humana não poderá nunca abasçar o mundo, exterior sem uma razão natural, que nos perpetue nas condições da magnitude; da velocidade, da força e da extensão.

Assim, nós abrimo-nos ao mundo e logo abrangemos o limite do universo e, na linha que os nossos olhos abrangem lá destacamos o horizonte, o céu, e terra. No centro de toda essa linha, falando-nos na linguagem sublime e grande do Amor e da Vida, o Sol mantém o equilibrio de todas as razões humanas e em cada um dos seus raios forma milhões de razões mais superiores. E' que, enquanto o homem idealisa, concebe e salpica a sociedade de imensos ceus da fantasia, o Sol no seu termo logico vive seculos, idades, epochas sempre no seu estado de vapor cosmico como grandioso monumento de Vida, limitando as forças do homem ás forças de que necessita, limitando a sua individual á consciencia do tempo para que não seja fugitivo, efemero ou variavel, mas preciso na vida humana.

D'aqui se conclue que, a ideia é da sciencia quimica e só a razão é do horizonte da Vida. E o Sol. Já dizia Anthera de Quental que: *o Sol é o claro amigo dos heroes.*

O Sol flameja nas manbãs raiadas em que os campos regorgitam glorias ondulam, transmudam em tapetes de vegetal alimento. O Sol enche a alma da humanidade de ouro candente de vida e faz os corpos rijos e sadios, despertando-os ás manbãs de muita luz e atirando-os ao hino audaz e intenso da vida que nos abre os seus magnificos braços, onde se cria o fructo bemedito.

O Sol, sendo a Vida e vitalisando a humanidade, é o oiro que desperta as sensações do caracter, as corolas das fiores humanas mortas nos aromas da vida ou adormecidas nos reflexos revoltos das sociedades que se extinguem.

O Sol vive para nós; e, nós fugimos d'ele como se elle fosse o abismo mortifero da humanidade!

Cantemos, nós, que somos homens a gloria da luz, que a Luz é a Vida. E nas azas das aves que cortam o azul do espaço, deixemos ir a nossa oração como promessa de amor por essa Vida.

E' consolador saber amar com frequência a Natureza generosa e fecunda. Pois amemos o Sol a Vida, porque d'ele auferiremos o vigor da expressão, a luminosidade, a inergía e as victorias supremas da existencia translucida.

A Natureza é para nós a fonte do gozo mais preciso. Nas cores nos matizes dos fructos que o Sol cria, lá encontramos a Vida intensa. Luz e calor inundando o mundo da vida e nós cegos e reduzidos a imaginar que vive mos por nós mesmo!

Ergamos, na solidão do nosso pensamento, o espirito á verdade, á razão, para que a alma no vasto reino da Natureza se crie intelligente e livre, e se forme nas qualidades e nas propriedades mais concordes com a logica da nossa existencia humana.

O Naturismo é tudo isso: o Sol!

Sem o sol não haveria mundo; o sol é o vitalizador de todas as coisas e de todos os seres e só elle é a razão da vida. Tudo o mais são ideias instaveis, são apparencias, são funções, uma infinidade de manifestações produzidas pelo valor das imagens, que variam nos gostos e nas paixões.

E o Sol como a Vida é na razão natural o mundo; é a sciencia, é a verdade, complemento da criação, porque é a acção unica por excelencia que nos dá vida.

O Naturismo não é por isso obra governada pelo homem mas, uma lei positiva sem erros sem duvidas da Natureza. Tudo resume: a Vida.

Porto, 1-11-915.
Dr. Amilcar de Souza

Estavam presentes 9 grupos. Brevemente nova reunião será convocada, para se deliberar sobre os trabalhos pendentes.

Numa das reuniões abituaes dos enviados dos grupos, foi resolvido prestar apoio ás grèves suscitadas neste momento, bem como protestar contra as prisões efetuadas por motivo da grève dos mineiros.

Egualmente se resolveu visitar os presos, oferecendo-se-lhes o nosso incondicional auxilio, o que foi desempenhado.

Rebeldes (Matosinhos)—Este grupo resolveu, na sua ultima reunião, protestar energicamente contra a ecatoempe europeia e dar o seu apoio moral e material a todas as iniciativas tendentes a terminar essa carnificina estatal, militarista-financeira-religiosa.

Apoiar moralmente as grèves dos mineiros de S. Pedro da Cova e protestar contra a prisão infame e arbitraria desses trabalhadores, levada a efeito pelo ex-regedor monarquico de Santo Ildefonso, abjeto politiquero, regenerador, democrata autentico, realista-afonsista.

E igualmente estar com os constructores civis, nas suas justas reclamações.

U. A. (sede do sul)—Nova agrupação—Com a designação de *Nucleo da Mocidade Anarquista*, acaba de se constituir em Lisboa um agrupamento de jovens empregados no commercio, na sua quasi totalidade. Na sua primeira reunião, reconhecendo que da unidade de esforços se conseguirá o rapido desenvolvimento da ideia, aderiram á União Anarquista Comunista.

E' salutar, ver como os belos ideais de emancipação umana vão progredindo, trazendo para a luta reivindicadora, novos e prestantes elementos, cheios de ardor e entusiasmo.

Grupo Libertario «Luz do Futuro»—Este grupo, de novo reconstituído, na sua ultima reunião deliberou aderir á União Anarquista Comunista.

Saúda todas as victimas da tirania e protesta contra a detenção dos nossos camaradas na penitenciaria, contra as ultimas prisões efetuadas no concelho d'Almada, e contra a intervenção da força armada em Setubal, nos ultimos acontecimentos. Este grupo reúne todos os domingos no local do costume.

Avante camaradas! Perante as investidas dos tiranos deve-se responder com a resistencia.

Grupo Libertario d'Oliveira—Fica pago até fim do corrente.—Bernardino, espera correspondencia.

Artur Nogueira de Lisboa—Em resposta ao postal sobre neomatosinismo—lêr grève de ventres em hespanhol.

Rebelião (Evora)—Assim que possam façam liquidação, para bom andamento dos trabalhos.

S. Tiago de Cacem—Idem.

Vidago—José Augusto Ferreira. Solidarismo-nos contigo; bem como protestamos energicamente contra a tua prisão iniqua, que só prova o despotico caciquismo que aí prevalece.

Pelo camarada Joaquim Carreira, foi entregue na União Anarquista Comunista (sede do Sul) a quantia de 1870 reis, proveniente de uma quete aberta numa reunião da Associação de Classe do Deposito Geral dos Fardamentos. Esta quantia é para o nosso camarada Bartolomeu Constantino, que se encontra no Hospital de S. José, enfermaria Souza Martins, cama 34, e que está lutando com bastante necessidade. As visitas são ás quartas e domingos, das 14 ás 15 horas.

Organização anarquista

U. A. C. (Sede do Norte)—Na primeira reunião geral, efetuada no penultimo domingo, para tratar das questões que neste momento afêtam a classe trabalhadora, ficou resolvido iniciar imediatamente um movimento, por causa da carestia da vida e dos presos por questões sociais.

Admistrador, mandou fechar a Federação operaria de Guimarães; e poz a cidade em estado de sitio.

Tem-se travado algumas lutas entre a guarda e o povo tendo saído numa delas um operario morto.

Administração da «Comuna Livre», pede a todos grupos anarquistas de Portugal, assim como a todos os camaradas, para que liquidem os seus debitos a este jornal para não crear embaraços á sua missão.

Esperamos de ser atendidos por todos,

A Comuna Livre encontra-se á venda no Grupo «Verdade e Luz», em Coimbrões, Gaia.

Vae já para tres semanas que os operarios da construção civil se declararam em grève para reclamarem a regalia das 8 horas de trabalho, sem que, até á data, haja uma resolução satisfatoria para os combatentes.

Os operarios tem-se reunido diariamente para a resolução das suas questões.

O governador civil do Porto tem procedido velhacamente para com estes camaradas; a guarda pretoriana tem querido auxiliar os poucos amarelos que há.

Reina grande efervescencia por esta luta. Já deram tambem a sua adesão todas as colectividades operarias.

Torna-se um facto a greve geral se os mestres e governador não puserem cobro a tão retumbante movimento de que só eles são os responsaveis.

Tambem se declararam em greve por motivo d'aumento de salario os operarios textis de Pevidem.

Apesar da forma ordeira que tem mantido os grevistas, o adm-

tituição, a chacina na Africa, a guerra, a degradação, enfim o mal estar, e a Anarquia tudo isto combate, fazendo a Desordem para que a Ordem se estabeleça. Portanto aceito de bom grado a dizerem que seu desordeiro por ser anarquista, porque a desordem é então a primeira na existencia, a Paz sobre a Terra.

E os anarquistas não são egoistas, porque não querem só para si o Bem, mas que todos o possam gozar.

Com a nossa desordem, com o nosso ódio, queremos levar, a que a familia trabalhadora, não esteja obediente aos seus tiranos, que no ser-lhes reclamada uma migalha do que constantemente roubam, se negaram afirmando não ser oportuno o momento. Mas era o para apontarem aos generos, para se valerem da ocasião e entenderem mais os seus tentaculos e mais neles apertarem, sugando-os, os que já miseraveis estavam.

Era oportuno, como sempre, fazer calor os famintos, dando-lhes balas em substituição do pão. Fazer perseguições infames, mandar os seus esbirros assaltar e roubar as associações de classe, onde os operarios tratam dos seus interesses.

A força a todo o custo se quer impor, sem olhar a consequencias. Ainda há pouco devido á grève dos mineiros de S. Pedro da Cova se passaram atos que repugnam a quem tiver dignidade. Permitem a reunião dos grevistas dentro da sua associação, para lhes armarem uma cilada prendendo os que entenderam o selando a casa. E então a marcha dos presos para o Porto foi infamissima. Um sicario comandava a força de 50 soldados de infantaria e 6 de cavalaria, com armas presas.

A guarda aproveitou-se de um urinol, esse oficial manda fazer alto para satisfazer uma necessidade. Os presos pedem para o mesmo fazer, o que não lhes consentiu, ordenando-lhes que a satisfizessem no local em que se encontravam. Mas, senhor oficial, lhe diz um, naquelas janelas, na rua está gente, estão senhoras. — Af já disse, vociferava, em face das grandes causas cessam as pequenas. Isto é, primeiro está, para esta casta de individuos, o interesse da Companhia, do Capital, do que a moralidade. E não consentiu que do urinol se servissem!

Aparelhando com tal figurão, ha outra besta, que é o administrador, que rouba o publico no seu estabelecimento de couros, da rua Elias Garcia. A companhia comprou-o, prestando-se ele a fazer-lhe todas as vontades. De tudo se vale para fazer fracassar a grève.

Mas, contrastando com a baixeza de sentimentos de todos esses individuos, a conduta dos presos é bem digna, conservando-os presos precisamente por isso. Foi-lhes proposto abrirem-lhes a prisão, com a condição de se comprometerem a não voltar ao local da questão, durante o tempo que durasse. Todos eles, cumprindo o seu dever, afirmaram que lá voltariam logo que as suas colectividades os mandassem. E é preferivel continuarem presos, a sujeitarem-se ao que lhes impunham.

O governador civil, Pereira Osorio, queria fazer como o Pilatos da lenda, lavando as mãos, por estar de mal com o administrador, mas todos lá se acomodaram, porque á companhia do carvão assim convinha. Agora a responsabilidade é d'ele, é tambem um dos culpados.

E eu, como operario, como anarquista, levanto o meu veemente protesto, e vós levai ás vossas associações a energia precisa para que se levantem, e façam terminar a pressão que sobre nós exercem.

No sul as perseguições tem sido enormes, e agora no norte enveredaram por esse caminho. Pois bem, é preciso clamar bem alto a nossa indignação, unirmo-nos todos para mostrarmos que a força é nossa. E' preciso agitar, para que a vitória seja nossa.

E prestando homenagem aos martires da Chicagu, sauda-vos de todo o mundo.

Viva a Anarquia.

Pró-Presos

Camaradas

Para lamentar é que, passados quasi 3 anos, ainda continuam a ferros d'esta republica de cretinos e ambiciosos, de devassos e maus, em suma, uma falpêrra, e um pinhal d'Azambuja, camaradas nossos, que o seu único crime é lutarem pela reivindicção de: **Pão, Terra e Liberdade**; por solidarisarem-se contra a opressão despotica e má do afonsismo.

E' triste e lamentavel que passados quasi 3 anos, a classe operaria portuguesa deixe que creanças inocentes de crimes, de que a sociedade como está organizada é a unica responsável, sejam ceceados das caricias d'um pael.

E' triste e pesaroso, que passados quasi 3 anos, se deixe que esposas carinhosas, mães amantissimas sejam impedidas de sentirem em seus braços aqueles que se acham a ferros!

Pois bem. Ainda é tempo; vale mais, tarde do que nunca. Se vós, camaradas, que me lêem, tendes uma cabeça que pensa e um coração que sente, não estreitamente ligados, é muito estreitamente geral que cada um seja um soldado da Liberdade. Envidamos os

nosso esforços, e se antes não puder ser, que seja pelas festas chamadas de familia, que num arranque de obreiros do bem, vamos ás prisões onde esses nossos camaradas estão encerrados e, contra a vontade de todos os governantes os arranquemos de lá para que possam voltar para a sua familia.

Será um facto? Espero que sim.

Lisboa

Bernardino dos Santos.

1887-11-DE NOVEMBRO-1915

28 anos! . . . Sim á 28 anos sobre a vossa morte; inocentes, martires do Ideal. . .

Morresteis fizicamente mas a ideia revive em nós, tão pura e bella; como em vós no momento em que em diocausto ao capitalismo opressor, a corda fraticida vos estrangulou; por pensardes na realização do sublime ideal de redenção.

Ling. Spies, Fescher, Engel e Parsons, o sangue que derramastes jermína em nós, como a lava d'um vulcão que, em crupção, estenderá sobre a Terra as suas matérias candentes, derrubando, as barreiras que se nos ante-põem ás fronteiras que nos dividem; o preconceito venal, dogmatico, do clero, estado financeiro, a militarismo. . .

E sobre os fragmentos em rescaldo dessa sociedade corruta, estúpida e brutal á luz virificada d'um novo sol a humanidade, enfim livre, construirá a cidade nova, onde não haja oprimidos, nem opressores.

Ante o facho auriluzente da razão, no amplexo fraternalmente de paz e amor, gritaremos como Fischer e Engel:

Viva a Anarquia!

Manuel Francisco Lucas.